

# Virginia fala...

22/1/39

EVARISTO DE MORAIS FILHO

Para o "Jornal da Manhã" - *S. Paulo*

(Trecho de Jornal de um homem de 23 anos)

2-1-38. É preciso que se diga alguma coisa a respeito de Virginia. É preciso, porque ela me ajudou, se não a escrever, pelo menos a distribuir o assunto desse suposto jornal. Sempre que termino um trecho qualquer — porque não tenho pressa alguma em terminá-lo — leio-o para ela, pergunto a sua opinião, peço-lhe sugestões. Apesar de muito inteligente e culta, Virginia — como toda mulher — não perde o seu sentido prático das coisas, aquele instinto do terra-a-terra de que falou Schopenhauer. Eu, como um imaginativo, um fujão deste mundo, um sonahdor inventado, tenho receio de me exagerar na fantasia, por isso socorro-me de Virginia, bastante equilibrada e realista.

Pois bem, hoje de manhã fui fazer-lhe uma visita, sob o pretexto de levar-lhe votos de ano bom e felizes entradas. Levei-lhe isso e o trecho sobre o meu sócia cerebral acabado na véspera. Esperei que ficássemos a sós e li-o para ela.

— Que tal lhe parece?

— Absolutamente inverossímil. Quem acreditará nesta história de sócias, de suicídios isócronos e outras coisas parecidas?

É preciso certa dose de credulidade, para que o leitor possa mais ou menos sem grande esforço acreditar no que V. escreveu.

— A questão não é que seja real, V. bem sabe disso. A questão é que possa ser real. Quantas vezes a gente encontra em um livro idéias absolutamente iguais às nossas, que até parece que fomos roubados. Repare que é muito comum um autor passar à frente do outro na publicação de um assunto, e com os mesmos pontos de vistas. Há modas nas idéias, há pontos de saturação na inteligência humana, como em qualquer outra coisa da vida.

Repare também "paralelos históricos", como os denomina Schmidt, aquele etnólogo vienense. Há vários exemplos de descobertas contemporâneas, e até de enredos idênticos em romance. Que é possível, não há dúvida, basta eu ter imaginado. Só em imaginar já vai metade da verdade, porque só se pode imaginar com o material real que nos é proporcionado. Se não fosse isso, como acreditar em romances sobre o futuro, de todos os Wells e Vernes?

— Chega, mocinho, não precisa se defender com tanto calor como quem defende tese. Sem grandes raciocínios, eu posso destruir, pelo menos, parte da

sua argumentação. Os "paralelos históricos" são paralelos coletivos, sociais, genéricos, e não individuais, particulares, como é a média, o grosso modo, e por isso não há identidade absoluta e sim mera semelhança, ao passo que o individual, por ser menor e mais estrito, deve ser mais preciso. Viu, senhor doutor, como foi fácil refutá-lo?

— Isso é o que V. pensa, não me deixo vencer assim com duas palavras. Quer um exemplo de caso individual de parença? Pois bem, pergunte a um grupo de intelectuais católicos, a um grupo de intelectuais comunistas, a um grupo de intelectuais fascistas, o que eles pensam sobre um dado fato. E macacos me mordam se não houver absoluta igualdade de opinião em cada grupo respectivo, a tal ponto que, talvez, até citem os mesmos argumentos, os mesmos elementos de convicção, as mesmas fontes. Aliás todo o ortodoxo é assim. Dois indivíduos com a mesma idade, com a mesma educação, vivendo no mesmo meio, devem ou podem se aproximar bastante nos seus pontos de vista. O que é toda a biotipologia, toda a caracterologia, toda a personalística, senão a redução da variedade dos seres humanos a tipos mais ou menos padronizados e uniformes? E veja bem, que indigência de tipos para tanta gente, meia dúzia de modelos para 2 bilhões de pessoas!

— Engraçado, enquanto V. falava em tudo isso eu me lembrei de Bergson e do argumento dele contra a previsão na psicologia. Diz ele — perdôe-me se cometo algum engano, porque estou citando de cór, — que se um in-

divíduo quisesse prever um dado fato psicológico de outro, teria que levar em conta todas as fases psíquicas desse outro. Teria de percorrê-las todas, com a mesma duração, com as mesmas nuances, no seu desenvolvimento inteiro, até a ação ou à conclusão que ele queria prever. Resultado: quando ele chegar à previsão desejada, o outro também já chegou à ação ou à conclusão que ia ser prevista. Aí deixará de existir a previsão para ser simples constatação de um fato consumado. Disse tudo isso, e agora nem sei se essa teoria vai a favor ou contra a sua hipótese...

— Eu acho que vem a favor. Faça de conta que o meu caso é a realização prática da argumentação de Bergson. Dois indivíduos em face um do outro vivem completamente diferenciados, mas basta que eles se acertem, se isocronisem de início para que as outras fases sucessivas venham, automaticamente, mais ou menos paralelas. São como dois relógios, uma vez acertados, baterão as mesmas horas até um acidente mais forte que os venha perturbar.

— Mas ~~relógios~~ não são relógios... Uma criatura que pensa não é um mecanismo morto, fixo, que não varia. Para isso mesmo é que existe relógio: para marcar sempre as mesmas partículas de tempo, uniformes, exatas, em comparação com o homem que varia, muda, oscila.

— Talvez, V. tenha razão. Mas não existe sócias físicos absolutamente iguais, a ponto de confundir um perito? Pela teoria biotipológica, se eles são do mesmo tipo, da mesma constituição orgânica, devem pensar também como sócias, pelo menos reagir do mesmo modo.

— É, pode ser...

— Sendo ou não, o velho Anatole tinha razão. Basta ler o seu Putois...